

Romantismo: poesia da 2ª e 3ª geração

Resumo

Entender o contexto do Romantismo a cada geração é fundamental, a fim de observar como ocorreu uma transformação de ideias e sentimentos por parte do eu lírico. A linguagem subjetiva e o sentimentalismo prevalecem. Entretanto, a geração Ultrarromântica desvincula-se dos acontecimentos de mundo e focaliza em suas emoções, enquanto que posteriormente, na geração Condoreira, a poesia carrega um valor mais social.

2ª Geração Romântica

Com inspiração nas obras dos poetas Lord Byron e Goethe, a Segunda Fase do Romantismo, conhecida também como “mal do século” é caracterizada pelo alto sentimentalismo. Algumas décadas depois da independência do Brasil, os poetas começaram a se desvincular do compromisso com a nacionalidade, exaltado na geração anterior e, com isso, há uma expressão maior de seus sentimentos, numa posição egocêntrica de desinteresse ao contexto histórico.

Os ideais da Revolução Francesa - grande marco para o início do Romantismo na Europa -, “liberdade, igualdade e fraternidade” já não eram mais propagados com a mesma força e, nesse período, o homem passa a desacreditar nesses valores. Há um enorme sentimento de insatisfação com o mundo, um “desencaixe” do ser humano com a vida, uma sensação de falta de conexão com a realidade. Tudo isso provoca um pessimismo no eu-lírico, causando uma aproximação com a morte e atração pelo elemento noturno/obscuro.

Características principais:

- pessimismo
- atração pela noite/noturno
- sentimentalismo
- fuga à realidade
- idealização amorosa
- a amada/musa inatingível
- figura feminina representando a pureza - anjo, criança, virgem
- idealização do amor x medo de amar

Dentre os principais autores da época, podemos citar: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire.

Meus oito anos

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*

Como são belos os dias
De despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,

Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

[...]

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
– Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

Morte (hora de delírio)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
— Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

(...)

Amei-te sempre: — e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra — esse elemento;
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

(...)

Também desta vida à campa
Não transporto uma saudade.

Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

E como um autômato infante
Que ainda não sabe mentir,
o pé da morte querida
ei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Em meus olhos moribundos
Terroros ninguém lerá.

Não achei na terra amores
Que merecessem os meus.
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu - adeus.

GRANDES poetas românticos do Brasil. Pref. e notas biogr. Antônio Soares Amora. Introd. Frederico José da Silva Ramos.
São Paulo. LEP, 1959. v.2, p.62-6

3ª Geração Romântica

Enquanto a Primeira Fase Romântica apresentava uma preocupação com a construção da identidade nacional, e a Segunda Fase se voltava para o egocentrismo e pessimismo do indivíduo, a Terceira Fase do Romantismo - conhecida como Geração Condoreira - exibiu um desejo de renovação da sociedade brasileira. Questionadora dos ideais da primeira geração, o condoreirismo teve muito engajamento político-social, denunciando as condições dos escravos. Os poetas dessa geração reivindicavam uma poesia social com valores de igualdade, justiça e liberdade.

Principais características:

- poesia social e libertária
- geração "hugoana/hugoniana"
- identidade nacional
- abolicionismo
- identidade africana como parte da identidade brasileira
- negação ao amor platônico
- erotismo e pecado

Dentre os principais autores da época, podemos citar: Castro Alves (o poeta dos escravos) e Sousândrade.



Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Navio_negreiro_-_Rugendas_1830.jpg

Canto IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Castro Alves

O adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei! ... descansa! ..."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa! ...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! ... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! ...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Castro Alves

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. Leia atentamente os versos seguintes:

Eu deixo a vida com deixa o tédio
Do deserto o poeta caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um mineiro.

Esses versos de Álvares de Azevedo significam a:

- a) revolta diante da morte.
- b) aceitação da vida como um longo pesadelo.
- c) aceitação da morte como a solução.
- d) tristeza pelas condições de vida.
- e) alegria pela vida longa que teve.

2. Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Álvares de Azevedo

A característica do Romantismo mais evidente nesta quadra é:

- a) o espiritualismo
- b) o pessimismo
- c) a idealização da mulher
- d) o confessionalismo
- e) a presença do sonho

3. Minh'alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

A estrofe apresentada revela uma situação caracteristicamente romântica. Aponte-a.

- a) A natureza agride o poeta: neste mundo, não há amparo para os desenganos morosos.
- b) A beleza do mundo não é suficiente para migrar a solidão do poeta.
- c) O poeta atribui ao mundo exterior estados de espírito que o envolvem.
- d) A morte, impregnando todos os seres e coisas, tira do poeta a alegria de viver.
- e) O poeta recusa valer-se da natureza, que só lhe traz a sensação da morte.

4. Leia o fragmento e observe a imagem para responder à questão

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
e o eco ao longe murmurou — é ela!
Eu a vi... minha fada aérea e pura
— a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro
eu a vejo estendendo no telhado
os vestidos de chita, as saias brancas;
eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido, n
as telhas que estalavam nos meus passos,
ir espiar seu venturoso sono,
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

AZEVEDO, Álvares de. É ela! É ela! É ela! É ela. In: Álvares de Azevedo. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 44. MARTIN-KAVEL, François. Sem título. Disponível em: . Acesso em: 14. mar. 2016.



MARTIN-KAVEL, François. Sem título. Disponível em: <<http://7dasartes.blogspot.com.br/2012/05/romanticas-e-encantadoras-pinturas-de.html>>. Acesso em: 14. mar. 2016.

Tanto a pintura quanto o excerto apresentados pertencem ao Romantismo. A diferença entre ambos, porém, diz respeito ao fato de que

- no fragmento verifica-se o retrato de um ser idealizado, ao passo que no quadro tem-se uma figura retratada de modo pejorativo.
- na pintura tem-se o retrato de uma mulher de feições austeras, ao passo que no poema nota-se a descrição de uma mulher sofisticada.
- no excerto tem-se a descrição realista e não idealizada de uma mulher, ao passo que na pintura retratase uma mulher pertencente à burguesia.
- na imagem tem-se uma moça cuja caracterização é abstrata, ao passo que no poema tem-se uma mulher cujo aspecto é burguês e requintado.
- no quadro constata-se a imagem de uma moça simplória, ao passo que no poema nota-se a caracterização de uma donzela de vida airada.

5. Soneto

Oh! Páginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei, lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doido que eu fui! como eu pensava
Em mãe, amor de irmã! em sossegado
Adormecer na vida acalentado
Pelos lábios que eu tímido beijava!

Embora — é meu destino. Em treva densa
Dentro do peito a existência finda
Pressinto a morte na fatal doença!

A mim a solidão da noite infinda
Possa dormir o trovador sem crença.
Perdoa minha mãe — eu te amo ainda!

AZEVEDO, A. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

A produção de Álvares de Azevedo situa-se na década de 1850, período conhecido na literatura brasileira como Ultrarromantismo. Nesse poema, a força expressiva da exacerbação romântica identifica-se com a(o)

- a) amor materno, que surge como possibilidade de salvação para o eu lírico.
- b) saudosismo da infância, indicado pela menção às figuras da mãe e da irmã.
- c) construção de versos irônicos e sarcásticos, apenas com aparência melancólica.
- d) presença do tédio sentido pelo eu lírico, indicado pelo seu desejo de dormir.
- e) fixação do eu lírico pela ideia da morte, o que o leva a sentir um tormento constante.

6. O trecho a seguir é parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
– Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. *Os melhores poemas de Castro Alves. Seleção de Lêdo Ivo*. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude.

A imagem da morte aparece na palavra

- a) embalsama.
- b) infinito.
- c) amplidão.
- d) dormir.
- e) sono.

7. A São Paulo

Terra da liberdade!
Pátria de heróis, berço de guerreiros,
Tu és o louro mais brilhante e puro,
O mais belo florão dos Brasileiros!

Foi no teu solo, em borbotões de sangue
Que a fronte ergueram destemidos bravos,
Gritando altivos ao quebrar dos ferros:
Antes a morte que um viver de escravos!

Foi nos teus campos de mimosas flores,
À voz das aves, ao soprar do norte,
Que um rei potente às multidões curvadas
Bradou soberbo – Independência ou morte!

Foi de teu seio que surgiu, sublime,
Trindade eterna de heroísmo e glória,

Cujas estátuas, – cada vez mais belas,
Dormem nos templos da Brasília história!

Eu te saúdo, ó majestosa plaga.
Fila dileta, – estrela da nação,
Que em brios santos carregastes os círios
À voz cruenta de feroz Bretão!

Pejaste os ares de sagrados cantos,
Ergueste os braços e sorriste à guerra,
Mostrando ousada ao murmurar das turbas
Bandeira imensa da Cabralia terra!

Eia! – Caminha o Partenon da glória
Te guarda o louro que premia os bravos!
Voa ao combate repetindo a lenda:
– Morrer mil vezes que viver escravos!

Fagundes Varela, *O estandarte auriverde*

A escolha do tema e o gosto da eloquência e da oratória aproximam esse texto da poesia romântica de:

- a) Gonçalves Dias
- b) Castro Alves
- c) Álvares de Azevedo
- d) Casimiro de Abreu

e) Sousândrade.

8. Sobre a literatura produzida por Castro Alves, assinale as alternativas corretas:

- I. Representa, na evolução da poesia romântica brasileira, um momento de maturidade e transição, substituindo temáticas ufanistas e de idealização do amor por temáticas mais críticas e realistas;
- II. Sua produção literária estava voltada ao projeto de construção da cultura brasileira, dando destaque ao romance indianista;
- III. Desprezou o rigor das regras gramaticais, aproximando a linguagem literária da linguagem falada pelo povo brasileiro;
- IV. A ironia era um traço constante em sua obra, representando uma forma não passiva de ver a realidade, tecendo uma fina crítica à noção de ordem e às convenções do mundo burguês;
- V. Apresenta uma linguagem voltada para a defesa de seus ideais liberais e, por isso, é grandiosa e hiperbólica, renunciando a perspectiva crítica e objetiva do Realismo.

- a) Todas as alternativas estão corretas.
- b) Apenas I está correta.
- c) Apenas III e V estão corretas.
- d) Apenas I e V estão corretas.
- e) Apenas V está correta.

9. Navio negreiro-framentos

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?...
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são? Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa Musa,
 Musa libérrima, audaz!...
 São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde vive em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão.
 Ontem simples, fortes, bravos.
 Hoje míseros escravos,
 Sem luz, sem ar, sem razão. . .

(...)

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto

Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. pp. 281-283

O texto I é um fragmento do poema “Navio negreiro”, de 1868, sobre o tráfico de escravos no Brasil. Por meio desse poema, o autor faz uma crítica à sociedade brasileira e à política do Império, responsáveis pela manutenção de um regime escravista. A figura que sustenta metaforicamente essa crítica é:

- a) a bandeira nacional.
- b) a providência divina.
- c) a força da natureza.
- d) a inspiração da musa.
- e) a nobreza dos selvagens.

10. Poeticamente, o sal metaforiza o mar, as lágrimas, a força de viver. Castro Alves, em sua obra poética, lança mão desse recurso para unir arte e crítica social. Observe os fragmentos:

Fragmento 1 – “A Canção do Africano”

Lá, na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

CASTRO ALVES, 1995, p. 100.

Fragmento 2 - “O Navio Negreiro”

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
O mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

CASTRO ALVES, 1995, p. 137.

Em relação a esses versos, é possível AFIRMAR:

- I. O canto, as saudades e o pranto do escravo, no primeiro fragmento, são decorrentes do cativo resultante da escravidão, situação aviltante ao ser humano.
- II. O “horror perante os céus” a que se refere o eu lírico, no segundo fragmento, corresponde ao tráfico de escravos, mácula sociomoral que envergonha o Brasil.
- III. Em ambos os fragmentos, a crueldade da escravidão se faz presente.

Está(ão) CORRETA(S) a(s) afirmativa(s)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) I, II e III.

Gabarito

1. **C**
A morte é tema recorrente na segunda geração romântica, vista muitas vezes como a única saída para as desilusões e limitações da vida.
2. **C**
No poema, podemos ver que a mulher amada pelo eu lírico é caracterizada como virgem e de face lida. Isso demonstra uma idealização feminina, característica marcante dessa época.
3. **C**
A exteriorização dos sentimentos do eu lírico se materializa em elementos da natureza que atuam como representações, complementos e/ou extensões destes.
4. **C**
As demais alternativas estão incorretas porque:
 - a) não há tom pejorativo na descrição da mulher, ela é idealizada;
 - b) na pintura, a mulher é delicada e de feições leves, no poema, ela é descrita como uma lavadeira na lida;
 - d) a pintura, apesar de idealizada, não é abstrata, contém um certo realismo por ser um retrato;
 - e) o retrato parece ser de alguém que não faz trabalhos manuais ou braçais, já a lavadeira tem um ofício árduo.
5. **E**
Entre as principais características Românticas da Segunda Geração, encontram-se destacados o culto à noite e a valorização da morte no poema de Álvares de Azevedo. Na última estrofe, percebemos que o eu lírico se despede da mãe, como se a morte o fosse certa e próxima.
6. **E**
“lájea fria” representa a sepultura, por isso o sono é igual a morte.
7. **B**
Lembra Castro Alves porque ele foi um autor da 3ª Geração romântica que, em seus textos, apresentava forte engajamento político, temática da escravidão e possuía recursos estilísticos de oratória bem aprimorados.
8. **D**
A literatura de Castro Alves representou uma ruptura com o ultrarromantismo e denunciou mazelas sociais como, principalmente, a escravidão.
9. **A**
A bandeira nacional é evocada por representar a nação e o povo brasileiro responsável pela manutenção da escravidão.
10. **D**
No primeiro fragmento, a condição do escravo é humilhante ao ser retratado chorando com saudade de suas terras. Além disso, todos os fragmentos tratam sobre a escravidão.

